

AS INFLUÊNCIAS DO POSITIVISMO NA POESIA DE SÍLVIO ROMERO E NA DE ISIDORO MARTINS JÚNIOR

*Isabela Melim Borges**

O Positivismo foi um conjunto de ideias que teve imensa repercussão no Brasil, e não esteve só, mas misturado a outras filosofias tais como o evolucionismo de Spencer, o evolucionismo de Darwin, a tríade taineana, entre outras. Tal conjunto de ideias, que acho coerente chamar de “Positivismos” (chamo de Positivismos a junção da filosofia majoritária que perpassava as mentes dos intelectuais da época, isto é, o Positivismo desenvolvido por Comte somado às demais filosofias e ciências que influenciaram aquele momento), disseminou-se no meio cultural, acadêmico, político e militar. Auguste Comte foi lido de norte a sul do país em originais franceses e em traduções feitas pela Igreja Positivista do Brasil – IPB, cujos fundadores foram Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Foi durante o chamado Segundo Império, isto é, por volta de 1850, que as ideias positivistas chegaram ao Brasil trazidas por brasileiros que foram completar seus estudos na França e alguns

* Doutoranda de Literatura Brasileira pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES.

foram alunos de Auguste Comte. O movimento Positivista teve um papel central tanto no processo de Abolição da Escravatura quanto no de Proclamação da República no Brasil, destacando-se a figura do coronel Benjamim Constant. A filosofia comteana influenciou especialmente a alta oficialidade do exército, algumas camadas da burguesia brasileira e intelectuais que se empenharam no movimento republicano no final do século XIX.

O Positivismo no meio intelectual é um dos pontos que realmente importa neste trabalho. Regina Zilberman reflete sobre como o pensamento positivista se concretizou no Brasil por meio “do pendor realista, avesso aos devaneios do Romantismo e fundada na pesquisa dos efeitos do meio e da hereditariedade sobre as pessoas” (apud MOREIRA, 2003, p. 116). A autora admite que a crítica literária, cuja aparição se deu por volta desse período, adotou orientação de cunho científico, preferindo analisar a intervenção dos elementos sociais e psicológicos no processo de produção da obra artística, impregnada, assim, pelas ideias filosófico-científicas da época: “a história da literatura voltou-se à observação da ação do meio, da época e do momento sobre o discurso poético” (ZILBERMAN apud MOREIRA, 2003, p.117). A pesquisadora continua:

Como seria de se esperar, foi Machado de Assis o primeiro, no âmbito da ficção, a atacar o Positivismo e seus efeitos. O instrumento, a pena da galhofa e a tinta da melancolia, é empregado no livro em que se relatam as

memórias de Brás Cubas, para atingir Quincas Borba, o amigo de infância que, adulto e insano, cria o Humanitismo, filosofia destinada a resgatar a felicidade do gênero humano (ZILBERMAN apud MOREIRA, 2003, p. 117).

De fato, Machado foi um dos muitos literatos da época a se opor criticamente ao movimento dessas ideias. Machado escreve o famoso texto *A nova geração*, em 1879, e o publica na *Revista Brasileira*. Nele, questiona sobre qual seria o ideal e a teoria da poesia nova. Diz acreditar que um fator determinante para o novo rumo que a Literatura Brasileira estava tomando era o rápido desenvolvimento da Ciência, que interferiu de maneira direta na criação literária dos novos poetas. Ele criticou o didatismo da poesia da Nova Geração e rechaçou a utilização de teorias científicas na literatura. O autor de *Memórias Póstumas* atribuiu ao naturalismo dos componentes da geração citada um traço intelectual de “otimismo, não só tranqüilo, mas triunfante¹.” Referia-se assim ao entusiasmo pela teoria da seleção natural, a qual era estendida à sociedade através da leitura de Charles Darwin: “e assim como a seleção natural dá a vitória aos mais aptos, assim outra lei, a que se poderá chamar seleção social, entregará a palma aos mais puros. É o inverso da tradição bíblica; é o paraíso no fim.²” Esta “seleção social” é bastante coerente para

¹ <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8247> Acesso em: 10 nov. 2018

² Idem nota 3.

pensarmos um Machado irônico, conservador e, talvez por isso, um “reorganizador” da história da literatura brasileira canônica que acreditava não haver uma força necessária às novas doutrinas. “Não é que eu exclua os poetas de minha república; sou mais tolerante que Platão”, frase que Machado utiliza para justificar suas farpas à nova geração, demonstra que o escritor de *Dom Casmurro* tinha-se em alto grau e se achava no direito de excluir poetas que não lhe eram agradáveis por umas certas características e, com isso, acabou por influenciar a grande maioria dos historiadores da literatura brasileira que registraram em seus compêndios essas ideias. Isso levou, por exemplo, à invisibilidade, poetas como Carvalho Júnior, Isidoro Martins Júnior, entre muitos outros.

Assim, na parte seguinte deste artigo analisaremos o discurso crítico dos dois autores em comparação à sua produção poética durante o mesmo período. Este cotejo tem o intuito de demonstrar e questionar o quanto daquilo que pregavam em suas críticas se consolidou nas suas poesias. Já é possível antecipar que, no caso deles dois, a proposta de pensar e realizar um novo ideal na poesia brasileira, mesmo que não tenham admitido, foi muito mais panfletária do que poética. De todo modo, suas produções são de suma importância para entender como liam a filosofia daquele período, como aquela filosofia aparecia em seus textos e também como constituem um marco dentro da história literária. Assim, faz-se necessário enfatizar que a poesia científico-filosófica constituiu um movimento representativo e importante

dentro da Literatura Brasileira, contrariando grande parte dos historiadores da literatura que apenas reproduzem ideias uns dos outros, sem muita criticidade e sem leitura autônoma, já que excluem importantes poetas.

Sobre Sílvio Romero

Para Sílvio Romero, “o Romantismo é um cadáver pouco respeitado; não há futuro que o salve” (1878, p. XI), disse no prólogo³ dos seus *Cantos do fim do século*, intitulado “A poesia de hoje”. E também:

A poesia é um resultado da organização humana, nada tem de absoluto, nem de sobrenatural; nada também de desprezível e de repugnante para nós. Compreende-se, à luz destas ideias, que todos conhecem, menos certa classe de literatos, o valor do desconsolo ou do entusiasmo de que se deixam possuir. Para eles escrevo as páginas que se seguem.

Quando Romero concebe a poesia como um resultado da organização humana, está implícito nessa afirmação um dos pressupostos da filosofia comtiana que afirma serem os fenômenos não apenas individuais, mas também e sobretudo sociais, já que resultam de uma evolução coletiva e contínua (2016). Romero continua advertindo que a poesia “nada tem de

³ Datado de 1873.

absoluto, nem de sobrenatural”, pontos caros também àquela filosofia. Além de tentar legitimar a poesia sob a luz positivista, o historiador esclarece que há uma parte dos literatos seus contemporâneos que não admitem essas ideias e é justamente para eles que dedica seu livro.

Todo o prólogo do livro é uma crítica ao Romantismo e uma exposição das novas ideias que colocavam a poesia, pelo menos no caso dos literatos, em questão: havia uma crise poética! Romero questiona: “no meio das mutações por que hão passado todos os ramos do pensamento humano, qual será o estado a que se deve ter chegado a poesia? Qual o seu caráter de hoje?” (1878, p. VI). Ele admite que há muitas linhas de pensamento que se inserem na poesia daquele momento: “a bandeira de uns é a Revolução, a de outros o Positivismo; o socialismo⁴ e o romantismo transformado têm também os seus adeptos” (ROMERO, 1878, p. VI). Logo depois, admite que o Positivismo, enquanto sistema, já estava extinto, mas que tinha deixado uma “boa direção”, e que “seus méritos e vantagens não eram pequenos; a morte da metafísica e a expulsão do absoluto das relações humanas são dessas grandes conquistas que perduram; são fatos consumados e adquiridos” (ROMERO, 1878, p. VIII-IX). Assim, há uma questão bastante oportuna para este trabalho: como

⁴ De acordo com Antonio Candido, para Sílvio Romero o socialismo sempre foi um conjunto de vagas aspirações dos utopistas, mais a crítica de Proudhon. Não chegou, em toda a sua vida, a conhecer bem o socialismo científico, e o nome de Marx só vai aparecer em algum texto seu vinte anos mais tarde (1988, p. 40).

vislumbrar uma fórmula poética que seja a cristalização de um tal complexo de ideias?

Para Sílvio Romero, a poesia “é sujeita inteiramente ao meio”, “tem um caráter contemporâneo da época em que aparece” (CANDIDO, 1988, p. 41). Essas ideias não apenas explicitam o conceito positivista de ciência, já que valorizavam a contribuição do meio na constituição do indivíduo, como confrontam a tradição romântica, uma vez que o crítico a entendia como presa ao passado. Na medida em que defendia uma sujeição da poesia ao meio, Sílvio Romero, segundo Antonio Candido, avaliava que seria “condição de progresso” (CANDIDO, 1988, p. 41) para o gênero lírico abandonar qualquer elemento indianista ou lusófono.

Ademais, Romero defendia a inexistência de verdades universais e atemporais. Para ele, só haveria uma verdade relativa, a “verdade da época”, sucedendo-se no tempo em processo cumulativo. Ocorreria uma marcha das ideias, em que uma iria superando a outra, gerando o progresso do conhecimento e do material. E o guia para essa evolução seria a ciência e a “intuição crítica moderna”. A partir da crítica do antigo, a Nação poderia entrar nos rumos corretos dessa marcha, estar de acordo com a verdade de seu tempo. Ao discutir a identidade nacional, Romero estabelece que a poesia estaria também à procura das leis de sistematização do país, com seus princípios a progredir, mesmo tendo a produção estrangeira como parâmetro. Para isso, seria necessário substituir a retórica romântica pela ciência moderna,

crítica e naturalista.

Por fim, o historiador sergipano termina o seu escrito admitindo que tem horror à poesia didática e afirma que o poeta deve “eivar o belo com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas, além das miragens da ilusão” (ROMERO, 1878, p. XXI). Logo após o prólogo, Romero dedica o livro “À América” e, abaixo da dedicatória, traz um verso de Thomas Hood (1799-1845) — “Work – work – work!” —, retirado do poema *The song of the shirt (O som da camisa)*⁵, que, segundo artigo da revista *Victorian Literature and Culture* (2011), seria uma crítica ao trabalho escravo dentro de uma sociedade cristã. Essa epígrafe está em consonância com as ideias filosóficas que Romero pretende expressar nos seus poemas, uma vez que a ciência e a religião não conversavam e o Brasil naquele momento estava submetido ao catolicismo e à monarquia.

O crítico sergipano divide o livro em três partes: a primeira é “A Humanidade” — começando com o poema “Deus” e terminando com “A Morte”; a segunda é “A Natureza”, que tem seu início com o poema “A Estrela” e seu fim com “A Solidão”; a terceira é o “Epílogo”, no qual constam apenas dois poemas: “Infinito” e “O Nada”. As duas primeiras partes fazem jus à doutrina Positivista, sendo a Humanidade e a Natureza dois de seus pilares de base. Em cada uma dessas partes, o poeta arranja poemas em contraposição. Por exemplo, na parte 1 a sequência é:

⁵ Tradução nossa.

Deus – o Diabo – Jesus – Maomé – Roma – Mazzini⁶ – O Monarca – A revolução – O céu – O inferno – As Cruzadas – Saladino – A Religião – O Pensamento – A Crença – A Dúvida – A Civilização – A Escravidão – O Destino – A Liberdade – A Alma – A Morte. Na segunda parte, a composição se dá da mesma maneira. Os poemas se adversam, assim como se confrontam os ideais românticos com os científico-filosóficos. Além disso, Romero parece querer demonstrar, através do constante movimento de incompatibilidade entre as temáticas dos poemas, a própria dualidade do espírito humano como uma forma de questionamento filosófico. Também, para além desse movimento de zigue-zague entre um poema e outro, há o fluxo evolutivo que nasce no poema “Deus” e acaba no poema “Morte”, suscitando assim um começo e um fim.

Contudo, entre um e outro há uma dinâmica referendada pelo progresso, já que “morrer” não deixa de ser o ponto final após o progresso ter sido alcançado. E este é mais um pilar da filosofia comteana, cujo lema é “amor como princípio e ordem como base; o progresso como meta”. Esse mesmo deslocamento se dá no “Epílogo”, em que o poema “O Infinito” (representando o “tudo”, a “completude”) se opõe ao “O Nada”. Para maiores elucidações, vejamos um fragmento do poema “Deus” pertencente à primeira

⁶ Giuseppe Mazzini (1805-1872) foi um revolucionário italiano que lutava pelo fim da monarquia, fundador da sociedade revolucionária secreta *Young Italy* (1832). Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Giuseppe-Mazzini>.

parte:

[...]
Tal na vida se mostra a forte luta,
Velha paixão que os séculos deixaram
No pensamento implume que tentava
Precipitar o voo. Enfim, quebrada
A cadeia que as asas nos prendia,
Quem há que não lhe ouvisse o som perdido
De astro em astro tombando? É como o grito
Da consciência inteira do universo,
Que, desperto de sono pesadíssimo,
De envolta o brado arroja com a vitória.
Foi este o passo; não há mais tentá-lo;
Foi esta a sombra; não há mais ergué-la!
E por cima das crenças que se foram,
E dos cetros que mostram-se fulgentes,
Brilhando o facho lúcido dos orbes,
Suba a grandeza heroica dos valentes,
Que têm por arma o pensamento, e as noites
Por consócias na glória, belas cúmplices
De tudo que lampeja no horizonte
Da história! Sim—da história que proclama—
Ser Deus ideia no avançar dos homens!

Sílvio Romero parece filosofar utilizando-se da poesia. De fato, é recorrente nesse livro um eu-poético que está mais preocupado em observar do que interferir na realidade que é contada, estando assim mais perto da razão do que da emoção, já que se posiciona como alguém que expressa o seu testemunho. Essa atitude de observação está coerente com o Positivismo, que propõe uma concepção de mundo empírica, concreta, materialista

e racional, que adota um método objetivo e descritivo ao examinar os fatos.

Isto posto, no caso do poema acima, o eu-poético insere sua “luta” dentro de um pensamento que estava imaturo, incipiente e limitado às ideias antigas — fato que pode ser verificado entre os versos 2 e 5 —; que, apesar de tentar “voar”, não obtinha êxito. Esse pensamento foi “acordado pelo grito da consciência inteira do universo” — metáfora utilizada para a ciência — e que, uma vez desperto e livre o pensamento, não voltaria a ser aprisionado:

Que, desperto de sono pesadíssimo,
De envolta o brado arroja com a vitória.
Foi este o passo; não há mais tentá-lo;
Foi esta a sombra; não há mais erguê-la!

Sobre as “crenças” e os “cetros” brilha a “lucidez emitida pela luz dos astros” — o eu-poético deixa claro, outra vez, a presença da ciência e da filosofia, representadas aqui pelo “facho lúcido das orbes”, que ofusca e desbanca qualquer religião (crenças) ou forma de governo ultrapassada (monarquia, representada pela figura do “cetro”). O pensamento seria, então, a “arma dos valentes” contra os preceitos religiosos e monárquicos. E, por fim, a Natureza, representada pelas “noites” (verso 17), é cúmplice de tudo o que se irradia no “horizonte da história”, sendo que esta pode ser capaz de proclamar Deus como uma ideia. Ora, essa

última proposição estaria totalmente fora dos preceitos religiosos que permeavam o Romantismo.

Além dessas constatações, outras imagens apontam para esse distanciamento com relação ao Romantismo, como as expressas pelo verso “O grito da consciência inteira do universo”. Elas são recorrentes também, por exemplo, na poesia de Augusto dos Anjos, escritor bem longe de ser considerado romântico⁷:

Era, numa alta aclamação, sem **gritos**,
O regresso dos átomos aflitos
Ao descanso perpétuo da Unidade!
("Louvor à unidade", *Eu e outras poesias* – grifo meu)

Sem o escândalo fônico de um **grito**,
mergulhou a cabeça no Infinito,
Arrancou os cabelos na montanha!
("Vencido", *Eu e outras poesias* – grifo meu)

Nesses fragmentos dos poemas de Augusto dos Anjos, observamos as imagens do “grito” de Sílvio Romero, mas de maneira diferente. Enquanto o teórico e poeta emprega imagens

⁷ Augusto dos Anjos não deixa de trazer elementos românticos para seus versos, como o faz também com o Barroco. Contudo, a exemplo do que realiza com a filosofia, trazendo *filosofemas* que são colocados à distância de sua origem filosófica, esses elementos de outras tradições literárias se tornam elementos de discurso literário, subordinados à poética inovadora e nada romântica (tampouco barroca) do escritor de *Eu e outras poesias* (cf. LUIZ DOS SANTOS, Alckmar. “A arca dos palimpsestos”. *Nova Renascença*. v. 15, n.56, p. 59-92).

para construir a ideia do “todo”, do universal, Augusto utiliza-se da imagem do grito para desenhar o individual, o que pode ser facilmente constatado no primeiro terceto.

Com relação à poética de Sílvio Romero, a imagem do “grito” aparece 5 vezes em todo o *Cantos de fim do século* de maneiras distintas⁸:

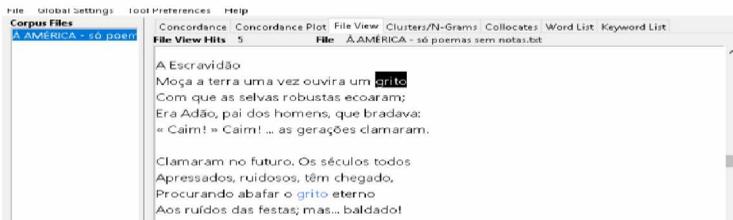
Fig. 1 –Quantidade de vocábulo “grito” nos poemas de *Cantos de fim do século*.

Hit	KWIC	File
1	Moça a terra uma vez ouvira um grito Com que as selvas robust	À AMÉRICA
2	em astro tombando? É como o grito Da consciência inteira do	À AMÉRICA
3	terrível que rebenta— Vale um grito de busca pela sorte. Camin	À AMÉRICA
4	Se em sua fronte beijou. Sim; o grito de guerra seja um brado L	À AMÉRICA
5	chegado, Procurando abafar o grito eterno Aos ruídos das fest	À AMÉRICA

Dois dos momentos em que o termo “grito” aparece no livro acarretam a imagem de uma voz social: no primeiro quarteto do poema “A Escravidão”, o grito ecoado pelas Selvas é de Adão, o que parece denotar a metáfora do homem.

⁸ Utilizo para isso o programa de análise lexical *AntConc*.

Fig. 2 – Vocábulo “grito” no poema “A Escravidão”, de Sílvio Romero.



Num outro fragmento, a palavra “grito” vem aludir à voz da Natureza:

Fig. 3 – Vocábulo “grito” no poema “Deus”, Sílvio Romero.



É a “Natureza que grita agitada em busca da sorte” e, assim, novamente o eu-poético somente observa, sem participar (reafirme-se: essa observação contínua que acontece dentro do

poema está afinada com os princípios da filosofia positivista). Auguste Comte fala na força da razão, na representação de um mundo exterior, em uma disciplina capaz de conter os excessos das subjetividades e também na separação nítida entre a subjetividade antiga e uma nova subjetividade emergente: a antiga lançava o eu no mundo, amalgamando-se a ele, ambos numa unidade inseparável por meio da imaginação, da fantasia e das emoções; a nova subjetividade deveria ser nutrida somente no interior do homem, ação que dificultaria a distorção da realidade.

Aqui, pensando no pano de fundo ideológico de *Cantos do fim do século*, é possível admitir que parte da filosofia francesa foi contemplada, principalmente, no primeiro fragmento demonstrado. No entanto, há muitas imagens ainda românticas nos poemas que compõem esse livro de Romero, o que nos faz aqui concordar sem reservas com Antonio Candido. Entretanto, já seria impossível concordar com a afirmação de que se trata de um “Sub-Tobias, sub-Castro Alves, sem nada de novo; basta aliás correr os olhos pelo índice dos *Cantos do fim do século* para perceber o velho temário romântico” (2009, p. 601). Há algo de novo, sim! Como já se pode vislumbrar até aqui, as imagens e a maneira como elas são formadas pelo eu-poético são bastante distintas do modo como aparecem no Romantismo.

Sílvio Romero parece filosofar utilizando-se da poesia. De fato, é recorrente nesse livro um eu-poético que está mais preocupado em observar do que interferir na realidade que é contada, estando, assim, mais perto da razão do que da emoção, já

que se posiciona como alguém que expressa o seu testemunho. Essa atitude de observação está coerente com o Positivismo, que propõe uma concepção de mundo empírica, concreta, materialista e racional, que adota um método objetivo e descritivo ao examinar os fatos.

Auguste Comte fala na força da razão, na representação de um mundo exterior, em uma disciplina capaz de conter os excessos das subjetividades e também na separação nítida entre a subjetividade antiga e uma nova subjetividade emergente: a antiga lançava o eu no mundo, amalgamando-se a ele, ambos numa unidade inseparável por meio da imaginação, da fantasia e das emoções; a nova subjetividade deveria ser nutrida somente no interior do homem, ação que dificultaria a distorção da realidade.

Sobre Martins Júnior

José Isidoro Martins Júnior, jurista e professor, nasceu no Recife, em 24 de novembro de 1860, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de agosto de 1904. Segundo Antônio Paim (1999), Martins Júnior, sendo positivista em 1881, posteriormente teria alargado os seus horizontes, e, com a influência de Tobias Barreto, aproximou-se do monismo de Haeckel, sem descuidar de Littré; passou a olhar para a Alemanha, sem se desprender da França (1999). Ele concorreu para a cátedra da Faculdade do Recife por três vezes consecutivas, suas três teses foram reunidas no volume *Fragmentos Jurídico-Filosóficos*. Durante o ano de 1889, depois de

ser nomeado professor da Faculdade de Direito do Recife, escrevia sem parar artigos em jornais e dava conferências. Em 1891, Martins Júnior fundou o Novo Partido Republicano de Pernambuco e em 1894 foi eleito deputado federal, indo residir no Rio de Janeiro.

Como poeta publicou: *O crime da vitória* (1881); *A poesia científica* (1883) – ensaio; *A propósito da conversão de Littré* (1881); *Visões de hoje* (1881); *Retalhos* (1884), *Estilhaços* (1885) e *Tela Policroma* (1893). Além da obra poética, publicou extensa obra jurídica. Martins Júnior difundiu suas ideias assiduamente em jornais da época, entre vários textos, destacamos este fragmento do *Diário de Pernambuco* de 15 de novembro de 1881:

[...] “adaptarem-se ou morrerem”. Digo isto porque estou convencido, certíssimo, de que a poesia científica, anti-negativa, construtora, há de ser com certeza um dos elementos do nosso meio literário por vir. Com efeito: quem sabe alguma coisa dos princípios filosóficos assentados na França por Augusto Comte e propagados na sua parte sã por Emílio Littré, sabe também (e o conhecimento da influência dos meios confirma) que a cada uma das três fases ou estados principais da evolução sociológica corresponderam sempre, e correspondem ainda hoje, **uma certa concepção da política e uma certa concepção da arte**. E mais ainda: que o período de ciência ou estado positivo a que chegaram hoje os povos do Ocidente, assim como deve corresponder no Estado a República,

deve corresponder nos domínios da Estética – a idealização dos fatos científicos e dos sentimentos filosóficos. E assim é, nada mais justo do que a conclusão a que eu cheguei: afirmar, por um lado, os estudos fisiopsicológicos no romance e no drama atuais, e, por outro, a intenção ou o desejo de produzir sentimentos altruístas e novos, com uma ou muitas leis positivas por fundamento, na Poesia (grifos meus).

O poeta assume uma postura fortemente impositiva que pretende mostrar aos literatos que, de ora em diante, será “adaptar ou morrer”. Ele acredita que é científica a base da poesia do futuro e que todos precisam seguir esses preceitos. Ele também admite que, da filosofia comteana, apenas o viés defendido por Littré tem valia, ou seja, defende o lado heterodoxo do Positivismo, em que apenas a ciência é enfatizada (Émile Littré buscava a emancipação do espírito, considerando o ateísmo como a única possibilidade que encaminha a um autêntico Positivismo, desprezando a religião da humanidade proposta por Comte).

Martins Júnior continua fazendo um paralelo entre a política e a arte, admitindo que ambas têm uma mesma concepção filosófica, ou seja, de acordo com Comte, a arte era uma auxiliar da razão e da verdade, mas tinha por base os sentidos humanos, visando uma sensibilização moral, sobretudo, coletiva, porque possuía a função de educar o homem e a sociedade e de aperfeiçoar a humanidade por meio da apreciação do belo.

A arte apresentava uma função moralizadora e era a principal base da educação, portanto, era essencialmente social e política e não era mais apenas fruição do belo. O poeta científico admite haver semelhanças entre a República de fato e uma idealização positivista da forma de governo. Do mesmo modo, haveria uma correspondência entre os fatos científicos e filosóficos e a idealização da Estética. Por fim, ambas as idealizações estariam inseridas no estado positivo, isto é, em um estado que se limita a descrever como ocorrem os fatos, limita-se a descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas e suas relações invariáveis de sucessão e similitude.

Martins Júnior termina seu artigo admitindo a “intenção ou o desejo de produzir sentimentos altruístas⁹ e novos, com uma ou muitas leis positivas por fundamento, na Poesia”. Com isso, surge a pergunta: quais seriam essas leis positivas capazes de fundamentar os sentimentos novos e altruístas na poesia? De acordo com Theófilo Braga¹⁰, essas leis teriam a capacidade de estimular o sentimento da humanidade, a solidariedade e o altruísmo, pois tinham por base a tradição¹¹ e a história. Aliás,

⁹ Altruísmo foi vocábulo cunhado por Auguste Comte.

¹⁰ Em *História do Romantismo em Portugal*, p. 62.

¹¹ Comte recomenda a leitura de dois livros sobre as artes da forma: *Reflexões sobre a imitação da arte grega na pintura e na escultura* (mais conhecido como *Reflexões sobre a arte antiga*), de Winckelmann; *O tratado da pintura*, de Leonardo

para Comte, a tradição, pensada no classicismo grego, tinha a capacidade de converter as paixões individuais em uma força coletiva, ligando os indivíduos à humanidade, no passado e no presente. Assim, a resposta àquela pergunta seria: leis que deixassem de focar o individual e evocassem o coletivo, sendo a ciência o meio utilizado para alcançar o estado positivo.

Em se tratando ainda de Martins Júnior, é importante salientar suas ideias sobre a produção poética daquele período:

Nas Letras, — ao mesmo tempo que, sem nexos, sem diretriz acentuada, um punhado fecundo de ideias e de sentimentos modernos boiam fosforejando, como no oceano, iluminado da ardentia, um recife de madreperlas em caminho de empedramento — a ciência oficial e reacionária como um outro recife secular que obstrui um porto, impede com seus prejuízos metafísicos que a mocidade se aleite em um ubre melhor — o dos estudos positivos e exatos, onde a verdade se impõe, onde se alargam os cérebros. E assim tudo. O informe na Política, o nebuloso na Religião, o vago na Ciência, o inconstante nos Costumes, o indefinido na Arte. Enfim: — a anarquia nos crânios e nos peitos (1914, p. 3).

Como uma crítica ao *status quo* da produção literária da virada do século XIX para o XX, Martins Júnior enxergava uma

da Vinci. Em: COMTE, Auguste. *Aptitude Esthétique...*p. 281. Comte quando trata da arte, tenta problematizar a arte grega clássica.

disparidade entre duas vertentes. De um lado, uma produção arraigada aos preceitos vigentes embasados em uma metafísica já ultrapassada; de outro, um movimento de ideias que tinha por base o estado positivo, porém com pouco relevo. Assim, ao mesmo tempo em que ele admitia a separação entre essas duas perspectivas, afirmava que a fisionomia da literatura — da poesia em especial — daquele período era muito difícil de determinar. Eram “tantas escolas e campos” que faria com que um observador da arte nacional sentir-se-ia um “fotógrafo que, tendo de retratar uma criança travessa, visse que ela fazia movimentos e furtava o rosto à objetiva da máquina” (1914, p. 4).

Com isso, ele nos leva a concluir que havia uma intensa produção poética, bastante eclética, atrelada às vertentes literárias de então; uma parte da produção ainda se rendia às ideias antigas (penso aqui no Romantismo) e a parte mais nova trilhava o caminho progressista com base filosófica positivista, mas enveredando por distintos caminhos. A diversidade do período em questão, segundo Martins Júnior, também está ligada ao fato de conviverem produções advindas de um estado teológico, metafísico e positivo numa emaranhada “coexistência antipática [...] quase antitética” (1914, p. 4). Contudo, ao contrário do que pretendemos aqui, o poeta trazia essas ideias não de forma a enaltecer a diversidade daquela produção poética, mas como um chamado à incoerência da alma brasileira.

Martins Júnior, em *A Poesia Científica*, classifica a produção poética a partir de 1878 em quatro grupos:

sentimentalistas, liristas puros, condoreiros e realistas. Deles quatro, o maior impacto na cena literária é o dos dois últimos grupos. As duas primeiras são avaliadas por ele através de equações (1914, p. 12):

Sentimentalismo:

atraso e a inutilidade *mais* pranto, *igual* a ridículo.

Lirismo puro:

Subjetivismo fantasista *menos* pranto e ridículo, *igual* a atraso e inutilidade.

Dessa maneira, o poeta admite que tanto os sentimentalistas quanto os liristas puros se baseiam nas mesmas características para poetar, apenas alternando a ordem dos elementos, que, para Martins Júnior parece não alterar o produto final. Sobre os condoreiros e os realistas, o ensaísta os têm como “discípulos atrevidos de Hugo e sectários do realismo ora satânico a Baudelaire, ora sistemático e exagerado a Richepin” (1914, p. 13), e acaba por fazer um protesto em nome da evolução do sentimento com a concomitante evolução da inteligência, sugerindo, assim, a evolução da poesia.

O ensaísta passa a discorrer sobre o que seria a Poesia e sobre o seu papel na evolução afetiva e emocional da humanidade. Em vista disso, Martins Júnior parte da poesia grega, cujo nascimento, segundo a filosofia comteana, se dá durante o estado

“fetichista”¹², sendo este o momento em que as faculdades poetizantes (sensitivas e imaginativas) se confundem com a potência intelectual, isto é, a arte no período grego esteve estreitamente unida à ciência e à síntese filosófica (1914, p. 19). “O que são os poemas de Melesígenes¹³, senão compêndios sonoros a lecionarem todo o antropomorfismo majestoso daquela filosofia e da região da Grécia heroica?” (1914, p. 20).

Nesse ponto de seu escrito, Martins Júnior afirma o estado politeísta (inserido no estado teológico) como a base para a poesia e a ciência do tempo de Homero. Infelizmente, o ensaísta não deixa claro a qual dos estados está se referindo, pois, num momento, dá por certo o estado fetichista e, logo após, o politeísta para o mesmo período da poesia grega. Logo depois, Martins Júnior dá continuidade ao seu panorama poético admitindo que

¹² Fetichismo: primeiro estado evolutivo da Humanidade até chegar no estado Positivo. Segundo Comte, o Fetichismo é o poder de atribuir a todos os corpos exteriores uma vida essencialmente análoga à nossa, mas quase sempre mais poderosa; a adoração aos astros é o grau mais elevado. O estado teológico está dividido em Fetichismo, Politeísmo e Monoteísmo.

¹³ Melesígenes (Hist.). Nome que se dava a Homero (Vid. Méles.). A História diz que Homero era cego e que para se alimentar recorreu ao povo de Cumas, prometendo-lhes que em recompensa faria a sua cidade a mais ilustre de todas as colônias gregas. A sua súplica foi inumanamente rejeitada pelos Magistrados e dali para diante nunca mais lhe chamaram de Melesígenes (aqueles mesmos que admiraram os seus talentos e lamentavam as suas circunstâncias), mas sim de Homero, cujo significado é “o homem cego”. Fonte: Dicionário clássico-histórico-geográfico-mitológico. Lisboa: Oficina de Joaquim Rodrigues de Andrade, 1816.

há uma vulgarização da poesia quando o monoteísmo domina o ocidente. E, por fim, defende que a Metafísica, propagada com a ajuda do Renascimento, imperou até o Romantismo e que, a partir daí, o Positivismo, por meio do seu espírito científico, é que se “alarga e vai dando lugar à eclosão de fórmulas afetivas adaptadas ao estudo de positividade das inteligências” (1914, p. 20-21). Diante disso, o ensaísta crê fielmente na ideia de uma poesia que se baseia em uma síntese sentimental de um movimento histórico que é, por sua vez, determinada pela compreensão filosófica daquele momento, enfatizando que a emoção capaz de originar esta poesia é proveniente de um misto de sentimentos e de ideias. Martins Júnior, em seu ensaio sobre a poesia científica, tenta provar que a compreensão intelectual dos fenômenos coincidia com suas impressões sentimentais e estava ligada à ciência e à síntese filosófica característica de cada época.

Como forma de convencer e situar o seu leitor, ele salienta que “a parte mais adiantada e mais estudiosa da mocidade brasileira não tem notícia” (1914, p. 34) dos propositores da poesia científica mundo afora e cita: Sully- Prudhomme, André Lefèvre, Luiza Akerman, Stupui, Alfred Berthezène, Bartrina, Teixeira Bastos, Luiz Magalhães, Alexandre Conceição, Manoel Acuña e o autor do Brahma, como os poetas que seguem a linha da poesia científica.

Por fim, Martins Júnior termina sua análise admitindo que “devemos trabalhar todos no sentido de realizar este desideratum: a transfusão do sangue arterial, vermelho, rico,

oxigenado, da Ciência no corpo franzino e lírio da Arte” (1914, p.66). O ensaísta parece, desde o início dessa sua obra, querer tomar como verdadeiras as suas ideias mais utópicas. Seu livro *Poesia científica* tem validade como um manifesto, como um importante documento sobre o pensamento dos literatos daquele período, sobre como aquela filosofia francesa se adaptou aos trópicos. No entanto, em alguns momentos, ele parece se confundir e acaba por avalizar o que diria ser incorreto: fala sobre ciência utilizando versos.

Considerando os argumentos levantados até aqui, passaremos à análise de alguns poemas do livro *Visões de hoje* (1881), por ser este considerado, pelos historiadores da literatura brasileira já citados anteriormente, aquele que mais “caracteriza a preocupação científica” (CANDIDO, 2009, p. 604). Nele ¹⁴, Martins Júnior desenvolve praticamente as mesmas discussões sobre a poesia científica brasileira, que, em conjunto com as poesias social, progressista, revolucionária, determinista, evolucionista, e, obviamente, positivista, participava daquele ambiente literário carregado de ideias advindas não apenas da filosofia de Auguste Comte, mas também de outras. Nesse livro, o poeta clama por uma renovação poética dita “científico-filosófica” e, no prefácio, que admite ser um ensaio sobre a poesia moderna,

¹⁴ Esta parte do texto já aparece em publicação que foi feita desde o início do doutorado em: <https://mafa.ufsc.br/2018/visoes-de-hoje-de-isidoro-martins-junior/>

a define como expressão de uma “concepção filosófica do universo”, indicadora de “verdades gerais que decorrem da vida social”, embora recapadas pelas “faculdades imaginativas, e nunca deixando de obedecer à emoção poética que dá nascimento à obra de arte” (1881, p. 9-11).

De certa forma, para Martins Júnior, a poesia científica estaria apta a reconstruir “a fenomenalidade das coisas”. Ele pensava a poesia como mímese, estabelecendo que o universo poético recomporia e revelaria o mundo; ela, de fato, pensada sob o ponto de vista da filosofia positivista, estaria isenta de um gérmen sagrado ou de qualquer idealismo, o que apontaria, então, para um mundo concreto. Assim, o poeta, para conseguir recriar o universo, deveria “conhecer e apreciar os fenômenos e suas relações constantes, que são as leis”. A poesia científico-filosófica, para ele, não era decorrência apenas de uma inspiração individual (cabe lembrar que o coletivo, ou social, era condição *sine qua non* para a doutrina positivista). Sempre inserida, portanto, em seu contexto social e cultural (lugar onde ocorrem os fenômenos que devem interessar ao poeta), ela deveria ser capaz de restabelecer a feição “eminentemente útil, construtora e filosófica” da atividade poética.

Assim, depois da apresentação, Martins Júnior escreve uma introdução em versos alexandrinos, cuja serventia também é apresentar a sua musa ao leitor, a “Musa do Porvir”, que segue o princípio evolutivo da humanidade. Em seguida, o livro se divide em quatro partes, ou seja, em quatro “visões”: a primeira é a

síntese científica (que segundo Antonio Candido (2009) é mais bem realizada), a segunda é a síntese política, a terceira é a religiosa e a quarta, a síntese artística. Sobre a musa da ciência, ou nas palavras dele, a “Musa do Porvir”:

[...]

Era uma alta mulher serena e gloriosa
 Como essas criações da idade esplendorosa,
 Artística, imortal, chamada Renascença,
 As quais tinham vigor e uma bondade imensa

[...]

E quando me avistou curvado e pensativo,
 De pé, no negro chão, como um dervixe
 esquivo,

Ou como um menestrel sombrio e lacrimoso...
 Ela veio p'ra mim n'um passo harmonioso
 Cheio de intrepidez, como o passo da História.
 (1886, p. 24-25).

É lícito afirmar que nestes dois fragmentos, o poeta já nos dá uma prova daquilo que escreveu em seus dois livros aqui comentados: em um primeiro momento nos traz a imagem de uma mulher serena, imortal de nome “Renascença”, aludindo, assim, não só à Renascença enquanto período artístico-filosófico, mas como a reaparição de uma poesia que havia se perdido com o final da era clássica (quando, segundo Martins Júnior, coincidiam a potência intelectual com a síntese filosófica, sob o jugo do estado politeísta, como descrito aqui anteriormente).

Por conseguinte, o poeta fala do seu encontro com essa musa que se aproxima de modo audacioso como o “passo da História” (sendo a “História” outro tema caro à filosofia do pensador francês).

[...]

Mas... tu não cantas mais as tenras sensitivas
Úmidas como um beijo, e as seduções lascivas
Duma **amante gentil, pálida como a lua**,
Cujo seio redondo a gente vê que estua.
Tu és poeta, sim. Mas teus **honrados versos**
Não andam por aí chorosos e dispersos
Nos torpes camarins, nos cestos de costura,
Ou no regaço vil de alguma dama impura.
(1886, p. 26, grifo nosso).

No fragmento acima, o poeta compara a poesia Romântica (“amante gentil, pálida como a lua”) com uma pretensa nova poesia cujos versos seriam “honrados” e não mais “chorosos e dispersos”. As imagens da musa romântica estão de acordo com as representações incorporadas nos versos de Álvares de Azevedo no fragmento abaixo, além de se repetirem nas produções de outros poetas românticos:

Na praia deserta que a **lua branqueia**,
Que mimo! Que rosa! Que filha de Deus!
Tão **pálida**...ao vê-la meu ser devaneia
[...].

(“Sonhando”, grifo nosso)¹⁵

Mais adiante no mesmo poema, Martins Júnior nos traz a metáfora da revelação da poesia científica:

[...]
 “ — É que eu sou afinal a síntese assombrosa
 Das mais nobres paixões viris da Humanidade:
 A síntese do Amor, do Justo e da Verdade!
 [...] (1886, p. 28).

É a musa como síntese das paixões da Humanidade (amor, justiça e verdade) que se alinha à máxima positivista: *O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*. Esse poema, como um todo, reflete a descoberta da musa pelo poeta, fato bastante coerente já que se dá na introdução do livro e, a partir dessa “revelação” (quase como um oráculo), é que se formarão as quatro visões (sínteses científica, política, religiosa e artística), divididas nos quatro capítulos do livro.

[...]
 Eu sirvo esse princípio: — a Evolução. Repouso
 Em seu potente ser e bebo vida nela.
 Foi ela quem colou na minha frente a estrela
 De Musa do Porvir, e é só porque ela o quis
 Que eu ando a fabricar estrofes — bisturis
 Para anatomizar o cadáver do Mall...

¹⁵ Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/poesias_de_manuel_antonio_alvares_de_azevedo.html

[...]
(1886, p. 37)

No excerto acima, mais uma vez, é possível comprovar as ideias filosóficas daquele momento histórico, não apenas no que se refere à menção à filosofia comteana, mas também à teoria evolucionista de Spencer, que, assim como os princípios de Taine, perpassavam os escritos dos literatos e intelectuais da época. Com isso, é possível verificar que, de forma geral, toda a introdução do livro *Visões de hoje*, está fundamentada na ideologia Positivista (ou melhor, dos positivismos). Vale ressaltar a opinião de Antonio Candido sobre essa obra: “Nas *Visões de hoje*, aparece mais caracterizada a preocupação científica, não de metrificar ciência, conforme explica; mas de interiorizar pela inspiração, sintetizando-os, os grandes princípios gerais do que não ousa chamar *filosofia moderna*” (2009, p. 604).

No capítulo primeiro, isto é, na “primeira visão” – ou Síntese Científica – Martins Júnior poetiza fazendo críticas ao “burguês” brasileiro do século XIX:

[...]
Imagino, ao te ver, que moras numas trevas
Feitas da meia-noite escura da ignorância
E da lama do erro! Estás como na infância
Apesar de a velhice haver-te desde muito
Empolgado o viver!
[...] (1886, p. 62).

Nesse fragmento, Martins Júnior, como crítica ao homem burguês, o concebe na “infância” do conhecimento, ou seja, ainda nas “trevas da ignorância”. Essa “infância” é vista por Comte inserida no estado teológico, assim como o metafísico seria a adolescência e o estado positivo seria a idade adulta, sinônimo de virilidade; o estado positivo é a maturidade do pensamento humano.

No excerto a seguir, Martins Júnior nos traz as várias linhas científicas e filosóficas que estavam influenciando a produção literária daquele período:

De uma simples **monera a gênese do mundo**;
 Orgânico; ensinando o dogma fecundo
 Do **progresso**; afirmando a **lei da seleção**
 E o seu correlativo: — a luta na existência!
 Tentam reconstruir, fiéis à **Experiência**,
 O vetusto castelo informe do Direito
 Que precisa de ser, sob outra luz, refeito!

Vemos: aqui — Littré, Spencer, Buckle, Comte;
 É a Filosofia alevantando a frente.
 Ali — Haeckel, Pasteur, Darwin, Lyel, Broca;
 É a Ciência pura — a refulgente roca
 Que serve à fiação metódica dos factos
 Ou feios como a morte ou belos como os cactos.
 (1886, p. 72 – 73).

O poeta faz alusão ao evolucionismo biológico defendido por Haeckel¹⁶ e o compara ao progresso defendido como principal fundamento da filosofia positiva, de Comte¹⁷. Ele também cita indiretamente as ideias desenvolvidas por Darwin quanto à seleção natural, sendo mais uma teoria que tem o progresso como uma de suas bases¹⁸. De fato, Martins Júnior, de maneira abrangente, não chega a poetizar nestes fragmentos acima, apenas coloca em primeiro plano a filosofia, adotando um discurso didático-filosófico.

Na segunda visão, tendo a Democracia como síntese política e, por consequência, a República, o poeta diz:

[...]

Só eu vos posso dar os ânimos valentes
De que vós precisais pra terdes cidadãos,

¹⁶ Ernst Haeckel formulou e desenvolveu uma proposta de morfologia evolucionista na qual ocupa um lugar central o conceito de monera. As moneras são para ele os organismos mais simples e primitivos, a partir dos quais é possível investigar a passagem do inorgânico ao orgânico, as bases iniciais para toda a evolução e desenvolvimento dos seres vivos e o aparecimento da individualidade orgânica. Disponível em: <http://www.ib.usp.br/revista/node/125> Acesso em: 08 nov. 2018.

¹⁷ Comte exalta o progresso como ideia diretiva da ciência e da sociologia, considerando-o como “o desenvolvimento da ordem” e estendendo-o também à vida inorgânica e animal (ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 937).

¹⁸ *On the origin of species* (1859), Darwin atribuía base positiva ou científica ao mito do Progresso, aduzindo provas favoráveis ao transformismo biológico interpretado em sentido otimista ou progressista (ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 937).

Pra terdes liberdade e olhardes como irmãos
 Todo o resto da terra e todos os mais povos!
 Só eu — posso apontar vossos deveres novos.
 Só eu — vos posso dar os direitos roubados
 [...]
 Portanto, confiai no meu robusto braço:
 Meus nervos são cordões, são filamentos de aço!
 (1883, p. 93).

Aparece aqui a Democracia se expressando e falando ao poeta, clamando por confiança para poder salvar os povos e devolver seus direitos roubados pelo Monarca. Martins Júnior escreve esse livro em 1881 (ou seja, somente depois de oito anos o Brasil se tornaria uma República) e é sobre a reivindicação de uma nova forma de governo, alicerçado no Positivismo, que o poeta nos fala nos versos da segunda visão:

[...]
 E desde esse momento, a ruim superstição
 Morrendo, a Terra teve, em roda, esta visão:
 Estendem-se no pó do solo os velhos cultos.
 Mitos fenomenais espalham-se, insepultos,
 Numa grande extensão de esquelido terreno.
 O ar é fino e puro; o espaço azul, sereno.
 Júpiter, Jeová, Osiris, Buda, Brahma,
 Jazem no escuro chão sob esta lousa — a lama!
 [...]
 Em vez deles, porém, nos surge uma figura
 Feita de majestade e feita de brancura.
 É a expressão atual da religiosidade,
 Da sã, da nova Fé: — a Deusa HUMANIDADE!

O eu-poético, no fragmento acima, parece bradar pelo fim das velhas religiões, onde tudo deve ser substituído pela nova deusa, a “Humanidade”. Martins Júnior inicia esse capítulo com a pré-história, trata da adoração dos astros, discorre sobre o modo como nasceram a fé e a religião, passa pelo “fetichismo escuro”, pelo politeísmo em que “/o Amor, a Força, a Guerra, a Beleza, a Bondade/ Todas abstrações filhas da Humanidade”/, chegando, por fim, ao monoteísmo, isto é, ao Cristianismo. E é contra essa religião que ele escreve a Terceira Visão, a sua Síntese Religiosa, que de versos tem apenas as rimas finais.

A “última visão” traz a Arte¹⁹ como centro do poema, pois, segundo Auguste Comte, mais importante que reproduções fiéis da realidade é a idealização de tipos, figuras exemplares que contribuíram para o bem da Humanidade. E aqui, neste fragmento, Martins Júnior cumpre à risca o que seu mestre defende:

[...]

Diviso, então, no ardor do religioso preto:
Flaubert, Zola, Daudet, os Goncourt, — a
pujante
Pléiade fraternal, austera e trovejante
Dos modernos, dos bons espíritos geniais
Que já não vão correndo, erradios, atrás
Da sereia fatal dita Imaginação

¹⁹ Comte tinha claro o papel das artes no projeto positivista de reconstrução social: construir tipos (exemplos morais), e esta era a principal função; conter as utopias, redirecionando-as; e avivar o passado, tornando familiar a ligação com o futuro.

Ou Fantasia, e têm no sensório a visão
 Nítida do Real e da Verdade. Além
 Vejo Coppée, Lefèvre, Stupui, Bartrina,
 Berthesène, Sully. E em meio do vaivém
 Das novas odes vejo o busto da heroína
 Ackerman, redourando o Prometeu!
 [...] (1883, p. 136).

O poeta, cumprindo os ideais positivistas, traz os nomes dos artistas que “já não corriam atrás da imaginação ou da fantasia”, mas que foram capazes de desenvolver de maneira mais profunda os sentidos, entre eles visão, instruída a captar o “Real” e a “Verdade”.

Tanto a ideia do “Real” quanto a da “Verdade” são preceitos inerentes à filosofia comteana, que considera ser toda a obra estética dependente da sensibilidade e do poder de expressão do artista. A intenção deste é retratar o meio cósmico natural (onde a natureza é protagonista) e o meio social em que surge. Segundo Ivan Lins, Martins Júnior, com as *Visões de hoje*, “assinalou, com justeza, a sobrevivência da poesia mesmo no estado social proveniente do desenvolvimento e da difusão da ciência”, contudo, ele admite que o poeta científico tenha cometido o “grave equívoco ao pretender realizar ele mesmo a nova diretriz que anunciava, pois não possuía a sensibilidade e os dons da expressão poética” (1964, p. 444).

Para Comte, a transformação científica e técnica do ambiente social deveria mudar a feição da arte, o que não quer dizer que todo poeta deve se formar em filosofia para se colocar

naquele momento literário. Ainda assim, José Isidoro Martins Júnior, com as suas “Visões”, nos presenteia, talvez, mais com um manifesto sobre a poesia científica e uma crítica à poesia da época do que com sua poética filosófico-científica, pois seus versos não podem ser colocados no mesmo patamar de muitos contemporâneos seus, como Carvalho Júnior, por exemplo, sobretudo porque sua dicção poética está evidentemente abaixo dos melhores de sua época. Um dos defeitos de sua poética é o filosofismo didático que, mesmo renegando, não deixou, por vezes, de empregar. Entretanto, a falta de uma poética mais trabalhada e aprofundada não lhe retira o reconhecimento por parte da história da literatura, já que Martins Júnior, ao lado de Sílvio Romero, de Tobias Barreto fizeram parte de um proeminente momento literário representado pela Escola Literária do Recife e também influenciaram outros poetas que serão tratados nos capítulos ulteriores.

Se compararmos as ideias de Sílvio Romero com as de Martins Júnior aqui trazidas, podemos considerar que as do primeiro foram mais relativistas. Aquele assegurava que a poesia científica não deveria vincular-se a uma doutrina específica, que não poderia ser dogmática, tampouco sistemática, mas, sim, o oposto, isto é, que ela deveria estar acima de todas as doutrinas, deveria abarcar os principais conceitos da filosofia em geral sendo o resultado de uma síntese da ideologia da época, ou a “intuição do seu tempo”. Já Martins Júnior, considerando os textos aqui trazidos, defendia que a filosofia positiva deveria sugerir um novo

ideal para a arte, mesmo crendo na arte como a manifestação do artista do seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*.
- CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos, 1750-1880*. São Paulo: FAPESP, 2009.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o conjunto do Positivismo; Catecismo positivista*; tradução José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural (Os pensadores), 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Discurso sobre o método positivo: ordem e progresso*; tradução de Walter Solo. São Paulo: Edipro, 2016.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia editorial nacional, 1964.
- MARTINS JÚNIOR, Isidoro. *Visões de hoje*. Pernambuco: Tipografia Apolo, 1886 (segunda edição).
- MOREIRA, Maria Eunice (Org). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.
- ROMERO, Sílvio. *Cantos de fim do século*. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1878. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?actio>

n=download&id=84271. Acesso em: 16 abr. 2019.

VERDE, Cesário. *Obra poética integral de Cesário Verde (1855-86)*.

Org.: Ricardo Daunt. Lisboa: Dinalivro, 2013.